

**ÉDOUARD GLISSANT: O IMPREVISÍVEL COMO RESULTADO
DA RELAÇÃO**

**ÉDOUARD GLISSANT: THE UNPREDICTABLE AS A RESULT OF
THE RELATIONSHIP**

Matheus Teixeira

Graduando de filosofia na UFRRJ

RESUMO

Este trabalho visa propor uma relação entre os ecos do Surrealismo Antilhano tendo como foco principal uma apresentação do Filósofo, poeta e romancista martinicano, Édouard Glissant. Desejará ressaltar a aproximação do intelectual a pensadores como Frantz Fanon, Deleuze e Guatarri, como também, a aproximação, no *Lycée Scheolder*, em Fort de France, capital da Martinica, com pensamentos anticoloniais e do surrealismo trazidos por Aimé Césaire. A pesquisa busca, principalmente, viabilizar um entendimento para a base do que o intelectual chama de *Crioulização* e todo seu entendimento por uma Estética da diversidade e como isso resulta, materialmente e subjetivamente, no povo martinicano. Filósofo, poeta e romancista, nascido em 1928 na Martinica, Édouard Glissant propõe um olhar filosófico através da relação, do caos, do diverso, da identidade Rizoma, da crítica à lógica do universal e do conflito dualista hierárquico da filosofia Ocidental para chegar ao processo que nos é dado como a *crioulização*. Um conceito que parte do caos para o imprevisível para que possamos entender a relação entre as culturas.

PALAVRAS-CHAVE

Crioulização. Caos. Cultura. Relação. Imprevisível.

ABSTRACT

This work aims to propose a relationship between the echoes of Antillean Surrealism having as its main focus a presentation of the Martinican philosopher, poet and novelist, Édouard Glissant. He would like to highlight the intellectual's approach to thinkers such as Frantz Fanon, Deleuze and Guatarri, as well as the approximation, at the *Lycée Scheolder*, in Fort de France, capital of Martinique, with anti-colonial and surrealist thoughts brought by Aimé Césaire. The research seeks, mainly, to enable an understanding of the basis of what the intellectual calls Creolization and all his understanding for an Aesthetics of diversity and how this results, materially and subjectively, in the Martinican people. Philosopher, poet and novelist, born in 1928 in Martinique, Édouard Glissant proposes a philosophical look through the relationship, the chaos, the diverse, the Rhizome identity, the critique of the logic of the universal and the hierarchical dualistic conflict of Western philosophy to arrive at the process that is given to us as creolization. A concept that goes from chaos to the unpredictable so that we can understand the relationship between cultures.

KEYWORDS

Creolization. Chaos. Culture. Relation. Unpredictable.

ÉDOUARD GLISSANT: O IMPREVISÍVEL COMO RESULTADO DA RELAÇÃO

INTRODUÇÃO

Inspirado na revista *Légitime Defense*, criada em 1932 e de única publicação, o movimento do Surrealismo negro ganha notoriedade única pela preocupação da criação e recuperação de uma cultura e de uma subjetividade, aqui mais especial à identidade antilhana e, principalmente, pela crítica ao colonialismo ocidental. Inspirada no Surrealismo francês e próximo a ideias marxistas, os intelectuais martinicanos, que estavam em contato na França, com a Vanguarda francesa do Surrealismo, fomentaram através da revista uma reivindicação anticolonial através do seu contexto social e histórico para olhar uma nova construção da identidade martinicana e de uma emancipação do colonialismo.

Com uma única publicação que, logo após sua publicação foi proibida de circular, a revista *Légitime Defense*, favoreceu ecos para o discurso estético, social, político e filosófico através de um empréstimo intelectual e artístico de uma *Vanguarda Europeia*. Com um olhar semelhante ao que dizia o geógrafo Milton Santos “A globalização vista pelo lado de cá”, o *Surrealismo Antilhano/Negro* começa o debate anticolonial e estético com o olhar da “periferia”, com a visão do mundo e de intelectuais que foram subjugados e que passaram pelo processo que conhecemos historicamente como a Escravidão. Portanto, é de extrema importância à unicidade deste movimento que ao observar uma vanguarda transmuta este pensamento para o seu contexto social e histórico para buscar não só sua liberdade física, mas também a sua liberdade intelectual e estética. Buscar a sua liberdade e, sucessivamente com novos debates, buscar a construção de uma identidade nacional e de retorno para um lugar físico ou imaterial que lhe foi roubado. Seja uma busca por uma raiz una/fixa ou por uma raiz relação/rizomática. Logo, é reverberando os ecos desta revista e de movimentos de libertações do pós-guerra que podemos debater sobre teorias como a *Negritude* e a *Crioulização* na tentativa de entender como que intelectuais como Aimé Césaire e Édouard Glissant receberam estes temas e, principalmente, como este eco transformou o pensamento martinicano. No entanto tentarei aqui falar e analisar comente a *Crioulização* de Édouard Glissant.

É de se observar que a revista *Légitime Défense*, que deu inspiração ao surrealismo antilhano, tinha como objetivo analisar e criticar o presente a partir de uma crítica ao colonialismo e, principalmente, a uma crítica a burguesia martinicana que tinha como

espelho a metrópole francesa. Desta forma, pode-se analisar como a partir da crítica inicia-se o projeto para produção ou resgate de uma identidade e de como essa intenção formou ecos no contexto intelectual da Martinica acarretando em questionamentos sobre a subjetividade do povo martinicano, em suas faltas, perdas, associação e cópia da cultura da metrópole.

Desta maneira, finalizando, entende-se a finalidade e a intenção estética e filosófica como as de Aimé Césaire e Édouard Glissant no debate da subjetividade martinicana. Numa tentativa de salvar, cada um a seu modo, o ser martinicano, o sujeito vir a ser construído a partir da recuperação da sua história africana e de seus antepassados.

Desta forma, e notável a problemática do sujeito que passou pelo processo histórico da escravidão percebe-se a partir do outro como diferente e rejeitado ao entrar em contato com a metrópole. O eu que se percebe como espelho do ocidente se vê em falta e ao entrar em contato com o sujeito branco e ocidental, vê-se rejeitado e transformado em exótico neste contato com o outro. A cura e a saída dessa subjetivada que foi moldada pela cópia está no retorno a sua terra natal, seja a mãe África ou na Martinica reinventada a qual o contexto cultural segue em órbita para um novo ser martinicano que compreende sua origem e sua cultura nativa através das relações culturais.

De início Césaire, com a Negritude, tenta o resgatar não só a cultura a partir da África, mas também resgatar e construir uma história viva, a história de resistência propondo uma identidade através deste retorno cultural. Glissant possui a mesma intenção de retorno, mas nos propõe que este retorno está no caos-mundo que gera a Crioulização. Uma dinâmica caótica entre as várias culturas que resulta de um pensamento que está sempre em relação com o outro, um pensamento do arquipélago.

Portanto, este retorno é uma proposta que tenta debater e solucionar a problemática da falta, do vazio através de teorias como a Negritude e a Crioulização propondo cada uma das suas teorias, respectivamente, a identidade fixa e uma identidade rizoma, respectivamente. É a tentativa de acabar de inibir as falhas que há na subjetividade do povo martinicano, na tentativa de uma liberdade cultural, política, indenitária e uma liberdade do eu, do ego. Desta forma entende-se como o eco do surrealismo reverberou em teorias no decorrer da história de libertação do povo que foi colonizado, assim como a intenção teórica de Édouard Glissant.

ÉDOUARD GLISSANT E SUA VIDA

Filósofo, poeta e romancista, nascido em 21 de setembro de 1928, na cidade Saint-Marie, norte da ilha de Martinica, Édouard Glissant foi irmão de quatro crianças, filho de um gerente da Habitação, escoteiro e coroinha. Em sua escola primária, na qual os alunos eram severamente proibidos a falar o idioma *Crioulo*, mantinha-se sempre o rigor no estudo e na disciplina. Destacando-se como estudioso e prodígio, na sua infância, foi aceito em 1938 para estudar, no que podemos chamar aqui no Brasil de Ensino Médio, no *Lycée Scheolder* em Fort de France, capital da Martinica, escola que formava a classe média martinicana com ideais franceses, lugar onde Franz Fanon e Aimé Césaire também estudaram e, mais tarde, no ano de 1940, instituto no qual o último virou professor, trazendo consigo um grande entusiasmo para os alunos do liceu com seus pensamentos sobre a *negritude* e a sua adesão ao *surrealismo*.

Esta aproximação de Glissant neste período com estes pensamentos e, a sua paixão pela literatura, fez o filósofo adentrar, neste mesmo tempo, no grupo *Franc-Jeu* (sou um círculo de poetas que morreram sozinhos) e aceitar aproximações com outros intelectuais e poetas, como René Dépestre, poeta haitiano que se encontra com Édouard Glissant no ano de 1946, período da sua saída de terra natal. Já no ano de 1946 foi estudar em Souborne, Paris, graduando-se em filosofia e, mais tarde, concluiu uma especialização em etnologia com a supervisão do filósofo Jean Wahl.

Em 1953, após a volta a sua terra natal e já filósofo, dedicou-se a publicar no *Les lettres nouvelles*, uma revista de crítica literária do seu amigo Maurice Nadeau. Torna-se diretor da revista em 1956, ano também das publicações de seu texto *Soleil de la conscience* e de seu poema *Les indes*. Também, neste período, participa com colaborações de revistas com empenho cultural e político como a revista *Présence africaine* e passa a integrar a comissão executiva da sociedade cultural Africana e no ano de 1958, ano denominado como início de sua carreira literária, com seus trinta anos, Édouard Glissant recebe o prêmio *Renaudot* pelo seu primeiro romance, o livro *La Lézarde*

Com toda esta aproximação a pensamentos libertários e anticoloniais, Glissant, em 1960, foi um dos signatários do manifesto 121, *Declaração sobre o direito à insubordinação na guerra da Argélia*, no qual esta ação lhe rendeu, no ano de 1961, num contexto de guerra na Argélia, um mandato de prisão em Guadalupe, uma expulsão e a proibição de permanecer nas Índias Ocidentais, retornando para seu país natal somente em 1965.

Em 1967 intelectual se dedica a construções do instituto *IME- Martinican Institute of Studies* que fomenta a cultura de seu país. Em 1971 cria a revista *acoma* e em 1970 se

aventura no teatro, levando em 1977 a peça épica de *Toussaint Louverture, Monsieur Toussaint* para o *Théâtre de la Cité universitaire*.

Em 1981, publicou seu ensaio *Le discours Antillais* e, no mesmo ano, foi apontado como diretor da redação do correio da UNESCO. Em 1988 recebeu um convite para ser professor universitário na *LSU, Louisiana State university*, em Baton Rouge, Louisiana, EUA. Em 1990 publica o livro *Poètiqi de la relation*.

Portanto, Da mesma forma que outros intelectuais martinicanos e, também, pensadores de outros países que passaram pelo processo da Colonização Moderna, Édouard Glissant obteve em seu primeiro contato com a metrópole o acesso a toda uma estrutura que o ocidente projetou com andar do que chamamos de *Modernidade*. É neste período de fim e total declínio deste máquina da razão que Glissant, seus antecessores e seus contemporâneos tentam falar do mundo e debater sobre a falta, algo que Glissant metaforicamente explica como o “Abismo”. É também neste período de sua estadia difícil materialmente e subjetivamente na Europa que é válido salientar a forte aproximação entre Edouard Glissant e Franz Fanon, amigos que depois se uniram para ajudar na carreira política de Aimé Césaire e, também na libertação da Argélia, cada um à sua maneira. Pode-se notar que a Martinica foi e é um país no qual os ecos do Surrealismo Antilhano deixaram um debate sobre o outro e sobre como o eu se relaciona com o outro, com o diferente.

Assim, vindo a falecer em três de fevereiro de 2011, em Paris, Édouard Glissant nos deixou um vasto trabalho que vai desde poemas a romances, de ensaios a roteiros de teatros, que trabalham seus pensamentos filosóficos, culturais e estéticos. Principalmente o seu conceito de *Crioulização*, que será explicado no decorrer deste texto.

O ABISMO

Édouard Glissant não somente buscava acabar com o vazio cultural antilhano a partir de uma crítica ao eixo ocidental, mas também a partir de um olhar crítico para com as teorias de intelectuais de países que foram colonizados, como a própria Martinica e teorias como a Negritude, cunhada por Aimé Césaire, principalmente trazendo uma crítica à raiz fixa e, também, pelo tratamento emancipatório da Martinica para com a França dado pelo político Aimé Césaire. Portanto, entende-se que a análise filosófica e cultural do que é o ser martinicano visa, primeiramente, pensar em como a falta gera o novo, que advém da relação. Através da sua ideia de identidade Rizomática e, também, da não hierarquia dos opostos e diferentes, pela ideia Rizoma de Deleuze e Guatarri e pelo seu olhar para a

ciência do caos, Glissant nos leva a observação de como a relação cultural entre os povos moldou, molda e moldará o sujeito, principalmente o martinicano. O filósofo a princípio nos deixa a problemática: como olhar para o presente, que para o Glissant é imprevisível, se há um nada que foi forçado em quem fora sequestrado de seu continente?

O aterrorizante vem do abismo, três vezes amarrado o desconhecido. Uma primeira vez inaugural, quando você cai no ventre da barca. Uma barca, segundo sua poética, não tem ventre, uma barca não engole, não devora, uma barca toma a direção do céu pleno. Mas o ventre dessa barca te dissolve te atira num não mundo em que você berra. Essa barca é uma matriz, o abismo-matiz (GLISSANT,2021:30).

Desta forma, é no abismo, no vazio, na ruptura, que se inicia o contato entre os diversos povos africanos que foram jogados no tráfico de pessoas para fomentar o trabalho escravo na Martinica. Pessoas que muitas das vezes não falavam o mesmo idioma e não possuíam a mesma cultura, porque, aliás, estamos falando de vários povos e de diversas culturas que foram subjugadas e forçadas ao nada nesta aventura cruel do Ocidente. Segundo Glissant (2021), “Pois se você está sozinho nesse sofrimento, você compartilha o desconhecido com algumas pessoas que você não conhece” (GLISSANT, 2021:30). Desta maneira, o navio negreiro usado como metáfora no livro *Poética da relação*, nos mostra que a falta e o roubo de um passado, faz-se no presente um possível futuro moldado no imprevisível. O primeiro contato, a primeira relação cultural, inicia-se através de um conflito entre as diversas culturas e através da *identidade rizoma*, tais identidades que se ramificam e vão ao encontro do outro sem perder a si e sem aniquilar o outro, dos povos que foram retirados à força das suas terras, das suas religiões, das suas linguagens e, principalmente, das suas subjetividades. Portanto, esta relação propõe acolher o diferente, o conflito do caos-mundo, a alteridade, do outro para formar o eu. Deste contato no vazio, no abismo, junto com o pensamento do caos-mundo, tal pensamento que tentarei expor mais à frente, com o pensar de que o sujeito se constrói sem se perder e sem perder o outro e numa relação constante e dinâmica surge o novo, através do rastro de memória, no processo que Glissant chama de Crioulização. Um processo que cria do diverso caótico de relações culturais o imprevisível.

Os africanos chegam despojados de tudo, de toda e qualquer possibilidade, e mesmo despojados de sua língua. Porque o ventre do navio negreiro é o lugar e o momento em que as línguas africanas desaparecem, porque nunca se colocavam juntas no navio negreiro, nem nas plantações, pessoas que falavam a mesma língua (GLISSANT, 2005:19).

CAOS

A palavra “caos” é formada a partir de um termo grego (de origem indo-europeia, cujo sentido poderia ser o de abismo, de precipício - estando a mesma raiz na origem da palavra “gás”) que parece fazer coexistirem duas ideias bastante diferentes, a do vazio, de ausência, e a de falta de organização (BERGÉ, POMEAU, GANCE,1996:278).

O eu, a linguagem e um novo idioma cria-se a partir do diverso, do caos, que, para o filósofo e poeta, precisa necessariamente não ser hierárquico e, principalmente fora da lógica de dominação, para que o processo de Crioulização ocorra de maneira bem-sucedida.

Adepto a *Ciência do Caos* e expressando uma crítica à dualidade e, a dialética, que sempre confronta e aniquila o oposto, Glissant, diferente de Aimé Césaire no *Diário de um retorno ao país natal (cahier D’um Retour Au pays Natal)*, entende a formação da subjetividade longe da fixidez e do uno indenitário. O seu retorno através da ralação cultural dá-se através dos rastros de memórias e, no presente, faz-se o imprevisível. Uma tentativa de escapar da disputa e guerra entre as identidades que a subjetividade encontra no decorrer da sua formação. Uma tentativa até mesmo de fuga dos conflitos e guerras que a identidade e a nacionalização nos trouxeram no decorrer da história da humanidade.

Para Glissant, a Crioulização existe por causa do diferente, mas é na opacidade, é no direito a diferença e na aceitação do diferente sem querer aniquila-lo sem taxa-lo como exótico, que está divergência se aceita e dialoga sem matar o outro e a si. Desta forma, entendemos que é na opacidade que o Glissant nos propõe o fim desta disputa indenitária e muitas das vezes nacionalista, para tentar alcançar uma aceitação no conflito cultural entre vários povos que existem. É no direito a ser diferente e na aceitação da alteridade que o meu eu, não mata o outro, não mata a si mesmo e se expande para com o outro rumo ao imprevisível. “Aceitar as diferenças é certamente perturbar a hierarquia da escola “compreendo” tua diferença, quer dizer, eu coloco em relação sem hierarquizar com minha norma” (GROKE, 2008:3).

Portanto, é de extrema importância o entendimento de que é necessário pensar e criar filosofia, cultura, estética ou qualquer relação cultural fora de toda logica binaria que nos leva a o pensamento de dominação. Pois segundo Glissant,

A Crioulização exige que os elementos heterogêneos colocados em relação se intervalorizem, ou seja, que não haja degradação ou diminuição do ser nesse contato e nessa mistura (GLISSANT,2005:22).

CAOS- MUNDO E CRIOULIZAÇÃO

Com o pensamento multicultural e aceitando o diferente, o intelectual nos propõe que o eu e o outro, a formação do ego, aceita e vai ao encontro da diferença sem se perder e sem perder o outro. Sem se aniquilar e sem aniquilar o outro. Respeita-se o diferente para que o eu, que não é fixo, compreenda no presente a sua formação e constituição através dos outros e para com os outros.

Preocupado com o vazio cultural antilhano, Glissant parte deste abismo, do nada e da diversidade para tentar mostrar a criação do novo no presente. O filósofo tenta, através da Crioulização, mostrar que do caos (a interpretação do conflito não hierárquico entre as culturas e entre os egos), do vazio e da diversidade cultural e indenitária, os povos criam a sua subjetividade, o seu eu, que são dinâmicas e moldadas pelo conflito harmônico no mundo- caos. Pois, segundo Glissant, “trata-se da mistura cultural, que não se reduz simplesmente a um *melting-pot*, graças à qual a totalidade-mundo hoje está realizada” (GLISSANT, 2005: 98).

Dado o *caos-mundo* podemos analisar que o Caos, para o intelectual, é o choque no abismo, o contato que cria, entre as oposições. É a aceitação de um mundo caótico, no qual a identidade rizoma aceita o diferente e suplementa o eu sem se aniquilar e aniquilar o outro, resultando no imprevisível. Vale salientar que “caos” para Glissant parte do princípio de uma relação dinâmica que se harmoniza. Logo, o “caos” aqui não é visto como o fim, mas o início do novo.

Segundo Glissant, “O que me interessa é o comportamento imprevisível dessa relação das culturas, imprevisibilidade que constitui uma das bases da ciência do caos” (GLISSANT, 2005: 101). Desta forma, vemos uma percepção de filosófica da ciência do caos e de uma crítica ao determinismo.

Para Glissant, a teoria do caos é resultado da relação entre fatores que geram o imprevisível, e desta forma, ele nos leva para como as variantes das culturas, essa relação, com seus vários pontos de partidas geram o indeterminado através do caos. Já que o determinismo segue a lógica de uma ciência que pode ser calculada como se $A+B=C$, O caos, o todo-mundo, é uma teoria da errância por causa da sua relação entre as inúmeras variantes. O caos gera a Crioulização que é um processo material do presente que no decorrer da sua produção gera o imprevisível através dos rastros de memórias.

Atravessada e sustentada pelo rastro/resíduo, a paisagem deixa de ser um cenário conveniente e torna-se um personagem drama da Relação. A paisagem não é mais a dimensão mutante e perdurável de toda mudança e de toda troca. Esse imaginário do pensamento do rastro/resíduo é consubstancial quando vivemos uma petica da relação no mundo real (GLISSANT, 2005:30).

Diferente de teorias como a miscigenação que busca o cálculo determinista entre as raças, criadas pelo homem branco e que partem de uma base biológica, o processo de Crioulização parte do caos não hierárquico para gerar através da cultura o novo através de uma relação cultural. Um novo que aceita a alteridade, o diferente e olha para a oposição sem hierarquia. Este novo para o Edouard Glissant será sempre imprevisível. No entanto, se no presente olharmos para o próprio caminhar e formação dos Idiomas *créoles* veremos com que, materialmente, este processo se faz. Sem tentativas de cálculos deterministas no futuro e sem hierarquia, Glissant nos dá uma tentativa para entendermos a relação cultura antes de depois da globalização e da internet e uma crítica para teorias fixas e hierárquicas que foram impostas no mundo pelo mundo Ocidental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim devemos nos atentar a algumas problemáticas que podem ser debatidas a partir de Édouard Glissant. Ao cunhar seu conceito *Crioulização* Édouard Glissant faz questão de salientar a diferença entre Crioulização e miscigenação que para o filósofo tal teoria carregava consigo toda a lógica ocidental de hierarquização, assim resultando em teorias perigosas. Sabemos que no Brasil a miscigenação se popularizou com o livro do Gilberto Freyre *Casa-grande e Senzala* e hoje, ainda é utilizada para discursos preconceituosos exatamente porque tal fala está banhada em toda tradição de não respeito e de não aceitação à diferença e pelo pensar hierárquico entre as raças. Tal tradição e pensar fixo e hierárquico que Glissant critica veementemente em toda sua vida.

Segundo Glissant,

E por que Crioulização e não mestiçagem? Porque crioulização é imprevisível, ao passo que poderíamos calcular os efeitos de uma mestiçagem. Podemos calcular os efeitos da mestiçagem por enxertia em diferentes plantas e cruzamentos de animais [...], mas a crioulização é a mestiçagem acrescida de uma mais-valia que é a imprevisibilidade (GLISSANT, 2005: 22).

Assim podemos entender o motivo do filósofo fazer questão de diferenciar não só o tipo de pensamento, mas também o que ele define como mestiçagem cultural e não uma mestiçagem que parte da biologia como cálculos de ervilhas. Para o intelectual é risório calcular uma relação cultural como se estivesse calculando biologicamente ervilhas rugosas e ervilhas lisas. Portanto, dada a diferenciação entre os entendimentos sobre o termo “mestiçagem” e a fuga feroz do intelectual para não cair em conceitos racistas e eugênicos podemos notar que uma das suas críticas fundamentais parte da

percepção e do entendimento de que toda essa lógica ocidental que criou o negro e o branco está implicada neste contexto de uma metodologia que parte do determinismo biológico e dos cálculos que tenta nos dar algumas respostas exatas no presente. No entanto, é mostrado pelo filósofo que quando falamos de cultura e, não só de uma cultura, mas de diversas culturas que entram em relação no arquipélago e no pensamento arquipélago, este cálculo deixa de ser exato e passa ser imprevisível. Pois o mundo caos, o todo-mundo, determina para Glissant a relação caótica entre as culturas e assim seria impossível no presente tentar fazer um cálculo destas relações. Para isso os rastros de memórias, através da história, nos ditam o que é ou o que poderá ser este imprevisível. Só a história viva poderá ditar o que passou e assim reverberando um contexto histórico, assim como fez Aimé Césaire ao olhar para a Revolução do Haiti e ver nela a inspiração para o conceito da Negritude. Assim, chegando a Édouard Glissant que vindo do mesmo contexto social e cultural bebe dos ecos do *Surrealismo Antilhano*.

Por último e, não menos importante, temos que ter consciência de que Édouard Glissant não ignora a história e o massacre que fora o período colonial. O intelectual está consciente de que este projeto branco e ocidental, que se transforma na modernidade não mostro pior do que já era, é resultado de toda uma dor interna e externa nos povos que foram escravizados. Aqui não separo agressão física de agressão psicológica. A que nível o horror é causado numa pessoa que, interioriza em si próprio, uma dor por não ser considerado nem como um humano? Deveremos pensar que na agressão física a dor é mais efêmera do que na agressão psicológica, moral, antologia e estética. Pois, reverberando os ecos do Surrealismo antilhano Glissant, assim como Aimé Césaire e Franz Fanon, utilizam do seu passado, do vazio que foi deixado no seu povo e nos povos que foram escravizados para formar suas lutas, suas teorias e seus projetos de resistências contra o que foi imposto agressivamente por séculos aos povos que foram colonizados.

Portanto, através de toda a sua crítica, de seus textos Glissant, nos traz um debate que teve estopim no pós-guerra, mas podemos nos remeter a esse debate a partir de acontecimentos bem antes disso, como a Revolução do Haiti e outras tentativas de libertação humanas e físicas como as fugas dos escravos indo para lugares seguros, ou num último caso o suicídio. Este projeto ocidental que foi reforçado e implementado mais fortemente na *Modernidade* foi forjado no que costumo chamar de “trindade eurocêntrica”, um modo de ser, pensar, estar e agir que foi moldado através do

genocídio, genocídio e epistemicídio. Desta maneira, temos Glissant como mais um expoente deste eco do Surrealismo Antilhano que irá contra a uma tradição e história que subjugou várias povos e culturas com desculpas de salvação e desenvolvendo, mas com um olhar de cima para baixo e como se fosse o salvador de alguém que nunca pediu para ser salvo.

REFERÊNCIAS

- BERGÉ, Pierre; POMEAU, Yves; GANCE, Monique. *Dos Ritmos ao Caos*. São Paulo: editora UNESP, 1996.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Minas Gerais: UFJF, 2005.
- _____. *Poética da Relação*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.
- GROKE, Henrique; COSTA, Keila. *Pela Opacidade*. Revista Criação & Crítica, 2008.